

ARTIGO 19/2019

A FRUTICULTURA NA COSTA OESTE DO PARANÁ

SERGIO LUIZ COLUCCI DE CARVALHO - PhD Engenheiro Agrônomo - IAPAR.

ALESSANDRA MARIA DETONI - Dra. Engenheira Agrônoma - IAPAR

PAULO VICENTE CONTADOR ZACCHEO - Dr. Engenheiro Agrônomo - IAPAR.

O Paraná, estado do Sul do país, apresenta grandes extensões de terras de alta fertilidade e clima bastante diversificado. Por ser região de transição climática, nele podem ser cultivadas espécies de clima tropical, subtropical e temperada. A figura 01 apresentam características climáticas do Paraná.

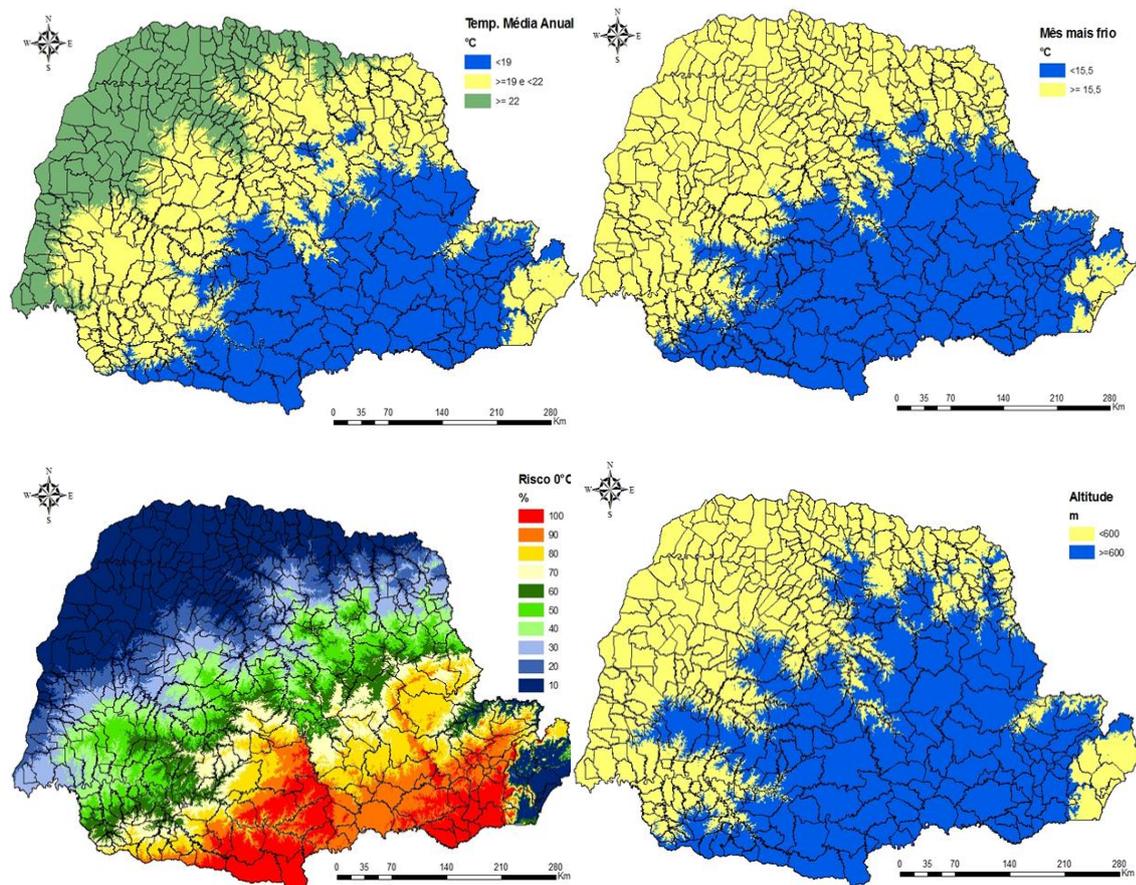


Figura 01. Características climáticas do Estado do Paraná.

A Costa Oeste do Paraná apresenta inúmeras vantagens para a diversificação da agricultura. Possui terras férteis, relevo suave ondulado, clima tropical com baixo risco de geadas na região litorânea ao longo do lago de Itaipu, além de infraestrutura e logística satisfatórias (cooperativas, meios de escoamento de produção rodoviários, fluviais e, potencialmente, ferroviários). Não obstante, observa-se expressiva quantidade de pequenas propriedades em processo de sucateamento por falta de alternativas de renda (Figura 02).



Figura 02. Pequena propriedade e pequeno agricultor típicos da região.

O Instituto Agrônômico do Paraná – IAPAR, em convênio com a Itaipu Binacional, FAPEAGRO (Fundação de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento do Agronegócio) e Prefeituras Municipais de Santa Helena e Guaíra, iniciou trabalhos com fruticultura na região lindeira ao lago de Itaipu em 2001. Neste período constatou-se que a produção de frutas de clima tropical e subtropical apresentam grande potencial para a diversificação do agronegócio regional. Além de condições edafoclimáticas favoráveis, a região possui estrutura fundiária com muitas propriedades pequenas administradas em regime familiar. Este último fator é determinante quanto à necessidade de se ofertar alternativas de diversificação de atividade e renda.

Os trabalhos realizados na região com espécies frutíferas mostraram que a atividade é comprovadamente rentável e apresenta vantagens socioambientais como:

- É demandadora de mão de obra especializada, portanto, bem remunerada;
- Pode e deve ser explorada na agricultura familiar;
- Pode ocupar toda força de trabalho da família e gerar mais emprego;
- É passível de agroindustrialização, com consequente aumento do valor agregado da produção;
- Pode ser cultivada em sistemas de baixo impacto ambiental ou mesmo organicamente.

Para consolidar a fruticultura na região se fez e, ainda se faz necessário o desenvolvimento de estratégias de capacitação de mão de obra e transferência de processos tecnológicos ao setor produtivo, de forma a garantir que o conhecimento gerado na pesquisa seja efetivamente adotado pelos produtores. Assim, o projeto apresenta três objetivos principais: transferir tecnologias a técnicos e agricultores para capacitação em fruticultura; transferir tecnologias para produção de frutas e, para fomentar o estabelecimento da atividade na região, manter banco de materiais propagativos para apoio à expansão da fruticultura.

Abacaxi, maracujá, uva, goiaba, banana, abacate, manga, macadâmia, acerola, amora preta, mamão e citros foram as espécies introduzidas pelo projeto e que apresentam potencial de produção econômica.

São apresentados a seguir alguns resultados expressivos sobre o MARACUJÁ já obtidos.

Maracujá

O maracujá introduzido na região foi o Maracujá Amarelo – *Passiflora edulis f. flavicarpa*. (Figura 1) Por se tratar de fruta com suco muito ácido presta-se essencialmente ao preparo de refrescos ou na composição de bebidas tipo “Caipirinha”, “Batida”, suco tropical e no preparo de pratos especiais, doces e salgados.



Figura 1. Maracujá amarelo. Santa Helena PR.

O cultivo da fruta requer cuidados especiais como escolha da área, sistema de condução, controle fitossanitário, entre outros. Por se tratar de região com intensa atividade na agricultura convencional com extensas plantações de grãos, a escolha da localização do pomar deve ser criteriosa. A possibilidade de deriva de defensivos destas lavouras pode comprometer o pomar de maracujá (Figura 2). A escolha de áreas protegidas e a implantação de quebra ventos devem ser consideradas como mostrado na figura 3.



Figura 2. Aplicação de herbicidas (A) e a consequência no maracujá (B)

A ocorrência de bacteriose com consequente secamento das plantas é preocupante. Muitas vezes não é possível a produção além de uma única safra. Isto onera sobremaneira a custo do pomar uma vez que há necessidade de mudança de local de plantio. Muitas vezes inviabiliza a produção da fruta (Figura 4).



Figura 3. Pomar de maracujá em área protegida. Santa Helena PR

Com a adoção de “vazio sanitário” entre julho e setembro, de plantios anuais com mudas altas, entre 1,80 m a 2,00 m de altura (Figura5), produzidas em ambiente controlado, há perspectivas de perenizar o pomar. A técnica traz vantagens como:

- Menor custo na implantação dos pomares, uma vez que as espaldeiras podem ser aproveitadas por várias safras;
- Diminuição do potencial de inóculo da bacteriose uma vez que os restos de cultura são queimados ao final de cada ciclo;
- Prevenção contra a incidência de virose, hoje realidade no estado, e
- Minimiza sobremaneira o efeito de eventuais geadas.



Figura 4. Incidência de bacteriose em folhas, frutos de maracujazeiro e desfolha da planta. Santa Helena PR.



Figura 5. Produção de mudas altas em ambiente controlado.

Além da ocorrência da bacteriose e do plantio em áreas próximas à agricultura convencional, a presença de abelhas melíferas (Figura 6) em alguns pomares foi determinante para baixas produções. Há na região produtores de mel e a abelha interfere na polinização natural por mamangavas.



Figura 6. Presença de abelhas melíferas na flor do maracujá. Santa Helena PR
 Pomares bem conduzidos apresentaram produções relativamente altas, acima de 30 toneladas/ha. Especificamente o pomar apresentado na figura 3 produziu 48 toneladas na primeira safra.

Durante a formação das espaldeira alguns produtores utilizaram as entrelinhas da cultura para cultivos intercalares. Esta prática tem sido recomendada, pois não concorre com a cultura do maracujá, possibilitando renda extra para o produtor (Figura 7).



Figura 7. Plantio intercalar ao maracujá. (A) feijão - Santa Helena PR e (B) arroz - Guaíra PR